

Anno 1º

Rio de Janeiro

Nº 35

# Don Quixot

Jornal Ilustrado de Angelo Agostini

(frontispício provisório)

R. OUVIDOR 109



Conselheiro Thonraz Coelho.  
Fundador do Collegio Militar. Director do Banco da Republica  
Membro do ministerio que decretou a abolição do elemento servil  
Falecido a 19 de Setembro de 1895.

## EXPEDIENTE

## PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL	ESTADOS
Anno..... 20\$000	Anno..... 24\$000
Semestre .... 12\$000	Semestre ... 14\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, assim de facilitarnos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o *D. Quixote* a... olho (e ha muitas !...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difícil obtel-o.

A ADMINISTRAÇÃO.

## DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 5 de Outubro de 1895

## O DESACATO

O facto mais culminante dos dias que acabam de passar foi o desacato soffrido pelo illustre presidente da Republica e pelos membros do seu governo por occasião da ultima trasladação do corpo do marechal Floriano Peixoto, da capella ardente em que se achava depositado para o sarcophago de marmore que á custa do Estado lhe prepararam no cemiterio de S. João Baptista.

Pretextando agravos feitos pelo povo com a protecção da policia aos membros da camara dos deputados que votaram contra a amnistia ampla, alguns chamados patriotas de animo exaltado e mais que imprudente, quizeram aproveitar a primeira solemnidade publica para atirar á face do chefe do Estado todo o veneno que lhes ia no coração. O momento julgado propicio apareceu: era o acto da trasladação do corpo do marechal, cerimonia oficial a que por um requinte de correção e de delicadeza o Sr. Dr. Prudente de Moraes e as primeiras autoridades do governo não quizeram faltar.

Não podia ser mais infeliz a escolha, porque a morada dos mortos não é campo de Eumenides nem praça de vindictas odiantas. O corpo do marechal, que é para esses mesmos homens um ídolo, merecia o respeito que todos os povos civilizados tributam á morte. Na paixão que os céga, elles não viram que antes de tudo desacatavam a sua propria divindade e as lagrimas de uma familia desolada que alli estava a render o ultimo preito de amor ao seu chefe e amigo.

Mas nada lhes impediu o transbordamento do odio, e a tempestade rugiu com bramidos de fera contra o governo civil da Republica.

E porque? pergunta-se. O pretexto futil dos successos da Camara dos Deputados não pode convencer a quem quer que seja. Alli, não só o protesto do povo partiu de uma aggremação anonyma e irresponsavel, como é positivo que a policia impedi maiores excessos e até protegeu o grupo de deputados que atravessou incolume as ruas da cidade desde

a porta da Camara até o largo de S. Francisco de Paula; consequentemente, si os representantes da nação algum sentimento podiam ter em relação á policia da capital federal, era o da gratidão por haverem sido por ella resguardados e defendidos.

Demais, esses mesmos deputados foram há dous annos desacatados ostensivamente pela corporação dos alumnos da Escola Militar, e ninguem viu então senão a sua docilidade de céra deante das declarações frouxas e platonicas do governo daquella época; o commandante da Escola, que até certo ponto desculpára a *inexperience* dos moços e tivera a sem ceremonia de retaliar á Camara, alludindo ás violencias de linguagem de um deputado, não só foi mantido no seu posto, como pouco depois honrado com a illimitada confiança do chefe de Estado. E alguém por isso foi a palacio do governo desacatar o marechal Floriano Peixoto?

No grave successo, que teve por theatro o cemiterio de S. João Baptista, não foi porém uma turba anonyma, ao contrario disso. Deputados, funcionários publicos, homens conhecidos e qualificados não duvidaram quebrar o silencio morno da necropole para atirar doestos ao governo. Queriam um conflito? Pretendiam accaso com a sua provocação insolita suscitar represalias que pudessem servir de arma á oposição jacobina contra o presidente da Republica?

Tirando-o da calma em que a auctoridade serena deve sempre agir, era intuito dos profanadores da morte coagir o supremo magistrado da nação áquella renuncia, que parece ser o sonho dourado de certo grupo de agitadores? O que está atras desta cilada?

São perguntas, a que é difícil responder com precisão; mas effectivamente tudo faz suppor que a scena escandalosa de 29 de Agosto obedeceu a um plano. Felizmente para a Republica esse plano sinistro falhou, e a condenação publica de hoje como a sentença da historia no futuro só cahirá sobre os que tão insolitamente desacataram o tumulo do marechal Floriano Peixoto.

Dando provas mais uma vez da alta circumspecção que o caracterisa, o Sr. Dr. Prudente de Moraes em companhia de seus auxiliares no governo limitou-se a sahir do theatro da scena, indignado provavelmente no fundo d'alma contra a selvajaria do ataque, mas calmo e superior aos seus desorientados adversarios.

Diz certo grupo que não temos hoje liberdade de pensamento. Não poderia surgir demonstração mais cabal de que essa liberdade existe plena e absoluta.

Mas de tudo isso, que foi mais uma pagina triste na nossa historia politica, decorreu naturalmente um grande beneficio.

O Sr. Presidente da Republica conhece agora quem hostiliza o seu governo, o governo da lei e da justica, o governo da paz e da ordem. *A quelque chose malheur est bon!* E já é caminho para a victoria saber d'onde vem a guerra.

## TELEGRAMMAS

(SERVIÇO ESPECIAL DO « D. QUIXOTE »)

LÉO A TONY

— Recebi agora mesmo comunicacões Amapá: brasileiros presos estão livres.

TONY A LÉO

— Livres de jacobinos?

LÉO A TONY

— Não, estupido.

TONY A LÉO

— Livres Carlos Carvalho?

TONY A LÉO

— Ainda não, espirito baixo.

TONY A LÉO

— Então livres penhora?

TONY A LÉO

— Tu sebastianista feroz, inimigo instituições. Vou denunciar-te general Glycerio.

TONY A LÉO

— Vai, dá-lhe lembranças minhas e ao P. R. Federal,

*O estacionario,*  
ORÓ WESTERN.

## JOSE DO PATROCINIO

O distinto collega da *Cidade do Rio* apresenta-se candidato ao lugar de deputado.

O *D. Quixote* não vota — publica-se. Se tivesse voto, dava-lh'o.

Entretanto, embora não tenha o nosso voto, porque ainda não estamos qualificados, José do Patrocínio pôde contar com as nossas sympathias pela sua candidatura, e com alguma cousa mais solida: — com a comprehensão do dever do eleitorado do distrito federal, que sabe e muito bem quanto deve ao grande batalhador da abolição e heróe da campanha da paz, em que vamos todos empenhados.

Isto aqui não é uma casa de cabala eleitoral, mas por isso mesmo podemos dizer sem rebuço que quem der o seu voto a José do Patrocínio desempenha-se de uma divida de honra. E ao que parece, a imprensa toda ou quasi toda está de acordo em querer que a palavra vibrante do abolicionista e republicano vá até á camara dos Glycerios fazer barulho e pintar o sete em tres tempos.

E em tal caso, o *D. Quixote* tambem fôrma á direita:

— Um votinho se nos fazem favor.

## Não esqueçam...

... os nossos assignantes cuja assignatura terminou em fim de junho e aquelles cuja assignatura terminou no fim do mez passado, que se quizerem reformal-as o façam em tempo para que lhes não seja interrompida a remessa do *D. Quixote*.

Isto não é para amollar, é só para lembrar.

## CONSELHEIRO THOMAZ COELHO

Publicamos no presente numero o retrato do falecido director do Banco do Brazil, o conselheiro Thomaz José Coelho de Almeida, que deixou do seu nome memoria imperecivel.

Satisfazemos assim o compromisso anteriormente tomado, e honrando a memoria do grande cidadão cuja probidade, intelligencia e seriedade granearam para si a estima publica e o respeito de todos os que sabem avaliar o merecimento dos caracteres superiores.

## A Semana

Desta vez o assobio  
Não pegou—é extraordinario !

E mais um anniversario  
Conta a *Cidade do Rio*.

Supprimida pela gente  
Que tinha a *Legalidade*  
Resurgiu—e esta é a verdade—  
Mais nova e mais vehemente.

No seu bello tirocinio  
A nossa vizinha conta  
Tal gloria — que está *na ponta*,  
Ella — e o Zé do Patrocínio.

Este agora é candidato  
Pelo segundo districto  
E o povo diz, — (Que bonito !)  
Que elege o José do Pato.

Diz por isso o *D. Quixote*  
(Diz alto, não diz baixinho),  
Que votará no vizinho  
E que o povo nelle vote.

E entrevendo-o eleito, usano,  
Exclama já commovido :  
Nem tudo ainda está perdido !  
Vizinho, até para o anno !

Da imprensa para o theatro  
O salto não é tamanho.  
Queres saber? não extranho  
Que encontres o diabo a quatro

Se passares descuidado  
Na rua do Espírito-Santo,  
E fores morrer de espanto  
No theatro do Furtado.

Mulheres, ai ! quem te déra,  
Que elles fossem verdadeiras !  
Viuvas, casadas, solteiras,  
Tudo verás... mas de cera.

Torturas da inquisição,  
Gorillas e outros assombros,  
Homens de braços sem hombros,  
Creaturas sem pulmão,

O que ha mais serio e mais comico,  
O que ha mais bello e mais feio,  
Tudo isso ao Lucinda veio  
Com o tal MUSEU ANATOMICO.

E a prudencia me aconselha  
Que certas coisas engula,  
Que em certas coisas não bula,  
Porque o sangue sobe á orelha.

Por exemplo :— a galeria  
Para os homens reservada,  
E tão terrivel que.... Nada,  
Voltemos á Vacca Fria :

Lucinda, oito horas e meia,  
Encontrarás, certo fica ;  
Se és moço—coisa bonita,  
E se és velho... coisa feia.

Nos cemiterios, motivos  
Tristes deixaram-me absorto :  
Em vez de enterrar-se um morto,  
Quizeram enterrar um vivo.

Em vez de pranto e saudade,  
Em vez de dôr e a margura,  
O que houve? descompostura  
Na primeira autoridade.

Resultado—olho da rua,  
Biblioteca contente,  
E o mais proximo parente  
De um ministro que tem lua,  
Pondo abajo de Sumatra  
O Brazil... Emfim, leitor,  
Aquillo foi um horror !  
Foi tiro... pela culatra.

F. MENDES.

## Negocios chimicos

A analyse chimica das aguas passou da moda. Por espaço de muito tempo levaram os chimicos a fazer longas e pacientes reacções para descobrir ás vezes um milligramma de carbonato ou de sulfato de calcio, por exemplo, que tal agua suspeita continha ; e com esse só protesto escreviam massudos relatorios, dando esta ou aquella agua por boa, ou por má, conforme a porcentagem de uns principios sobre outros. Ha 10 annos ainda a practica Inglaterra, que ainda não possuia a ilha da Trindade, limitava-se a dosar o azoto das matérias organicas sob a forma de ammonio livre ; e a propria França, a culta França, com todo seu prurido de trabalho, e Amapás concomitantes, ha cinco annos ainda julgava da pureza de uma agua, e portanto de sua potabilidade, dosando em massa os nitritos e as matérias reductivas, por meio do permanganato de potassio em solução a ferver. Hoje, porém, a cousa é muito outra. Os modernos trabalhos sobre os proto-organismos pathogenicos mostraram a inutilidade das analyses pelos processos chimicos, para julgar ou de uma agua, ou de um clima, sob o ponto de vista hygienico. Effectivamente, de que serve pôr em contingencia uma sciencia toda para apurar a porcentagem de azoto, que tal agua contém, e tirar deduções apparentemente exactas do algarismo encontrado, n'um litro, por exemplo, quando essa mesma agua, e nessa mesma proporção, acha-se polluida por algumas gotas apenas de qualquer virus septico ?

Não ha duvidar, estamos em pleno dominio da analyse biologica: o liquido da cultura substitui a caixeta dos reactivos.

Estas considerações, sugeridas pelas culturas bacteriologicas que, sobre as aguas,

sobre a vasa das fontes, e sobre as poeiras atmosphericas de Lambary e Cambuquira, fizeram os Drs. Pires de Almeida e Havelburg, não podiam deixar de ter, n'estas columnas, lugar condigno, porque....

... porque os leitores do *D. Quixote* não devem ser amollados por estas dissertações, só porque temos a deixar n'esta columna uma palavra de louvor aos sabios investigadores, que expuseram as suas culturas na vitrine da drogaria Janvrot, e principalmente ao operoso e pacientissimo Dr. Pires de Almeida.

Negocios chimicos, afinal.

## NOTICIARIO

A redacção do *D. Quixote* (rua do Ouvidor 109, assignaturas por anno 20\$, para os Estados 24\$) continua a passar sem novidade em sua importanti sima saude.

Não estivemos no cemiterio de S. João Baptista; nem soffremos a accão dos perdigotos jacobinicos nem tivemos o desprazer de receber um officio de demissão.

Antes assim.

Consta que D. Bernarda sahirá á rua no dia 13, 15 ou 17 do corrente.

Se ella não sahir em um d'esses dias, dizem que já está preparada para apresentar-se em publico no dia em que o senado votar a amnistia plena.

A' scena, D. Bernarda !

Segundo dizem telegrammas da Europa, a Inglaterra exigiu da China a deposição de autoridades, a prisão de empregados, indemnisação pecuniaria, e mais um *pôses* ainda por cima, e tudo porque desrespeitaram em Kucheng um consul britannico.

Ao que parece a Inglaterra não pediu tudo quanto podia exigir da China :— a China tambem.

Nem a ilha da Trindade, igualmente.

Varias pessoas entendidas em ceramica afirmam que a figura do Sr. chefe Glycerio exposta no museu scientifico do theatro Lucinda não está lá para que digamos.

No entanto, o gorilla... que perfeição !

Diz-se á bocca pequena—já se vê que não é a da actriz Ignez Gomes—que está na terra o bravo coronel Moreira Cesar, vindo de Santa Catharina.

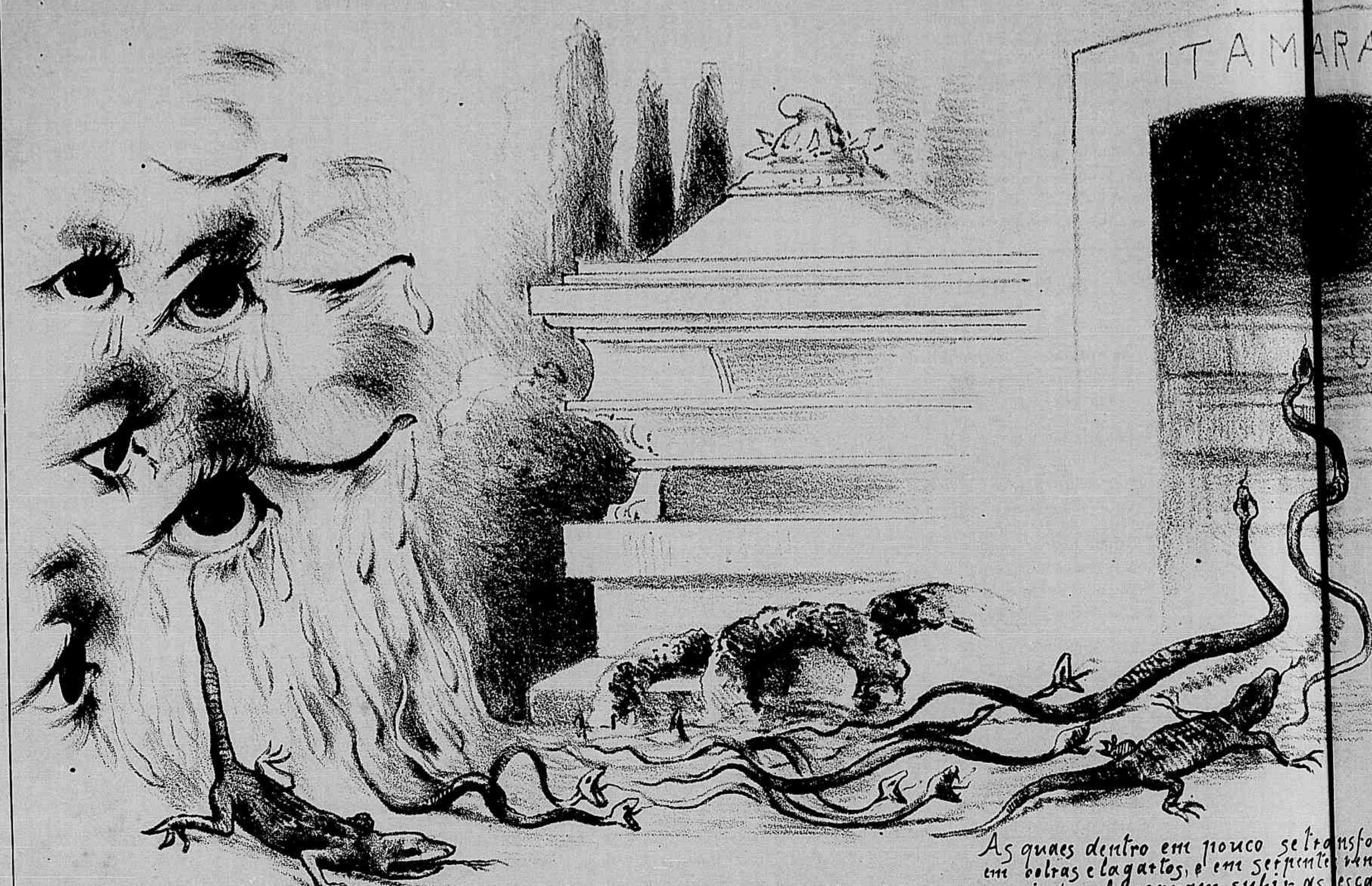
Santa Barbara ! São Jeronymo ! Todos os Santos !

Affirma-se, e com visos de verdade, que para a vaga do sabio Pasteur no Instituto de França, será escolhido o Sr. Medeiros de Albuquerque, o illustre escriptor dos assumptos scientificos da *Noticia*.

Esta noticia—não é a do Rochinha—foi recebida com especial agrado pelo Instituto de França.... e por varias cavalheiros qualificados.

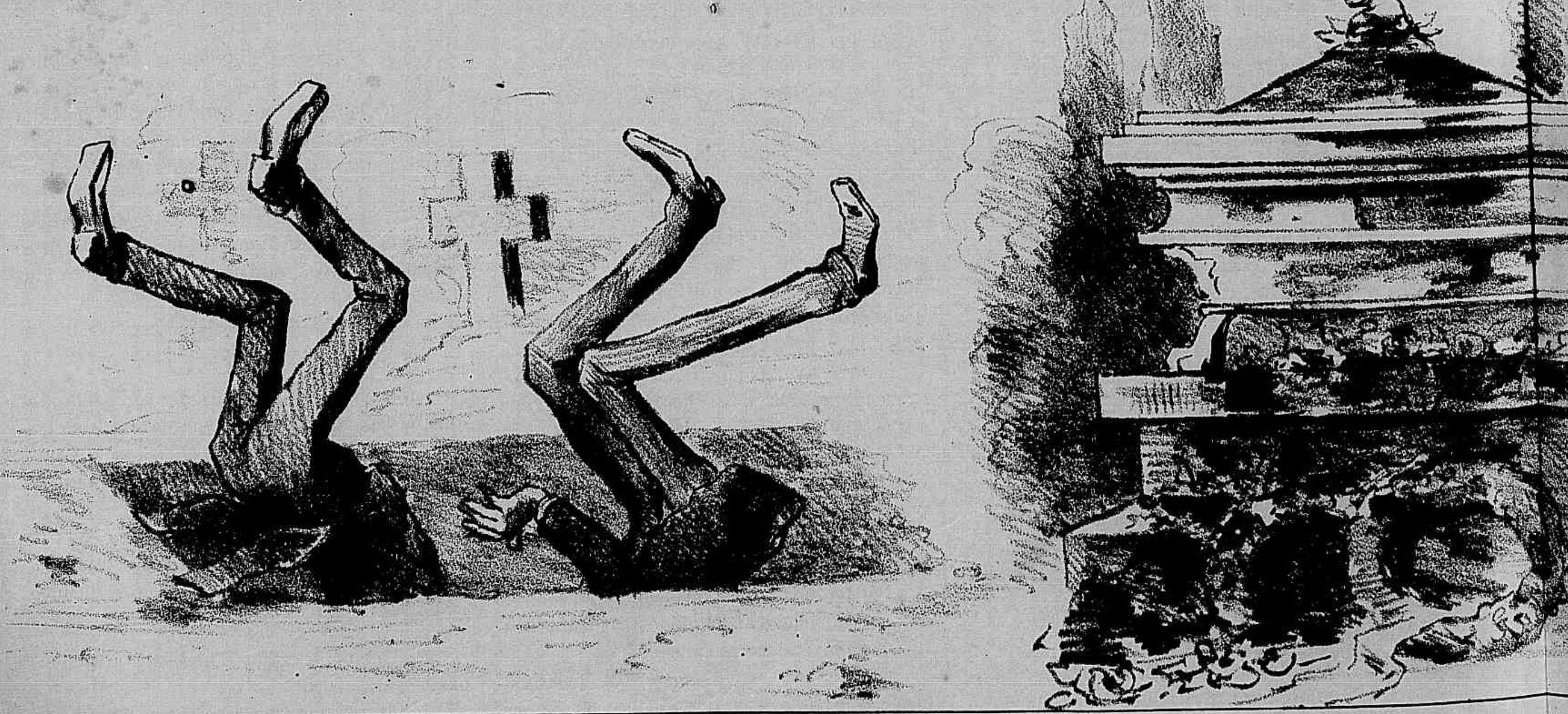
O chefe do batalhão Tiradentes requereu exame para consul.

E' de crér que faça bom exame e seja logo



Desacalando o lúmulo do marechal Floriano, com o desacato à pessoa do Sr. Prudente de Moraes, a jacobinada esfregara furiosamente os olhos enxutos, até que vertessem lagrimas.

As quas dentro em pouco se transformaram em outras cágartas, e em serpentes enraizadas, buscaram subir as escadas.



Resultado: na sepultura aberta para um cátirain dos dos fogosos oradores, pensionistas do Tesouro e inimigos do actual governo.

A jacobinada com o seu acto representou manchar de borões negros o mure branco de um sepulcro respeitável.

MARATY



Presidia a transformação das lá-  
es lagrimas aluneta do Bom Sen-  
so do Dr. Erico, que, com outros que-  
ria ali mesmo abrir um tumulo para  
o Dr. Prudente.

Mas o chefe do Estado, prudentissimo e ali-  
ado, retirou-se sem cair na cór a que lhe fôra  
destinada.



Ticon assim traçada a Epopeia  
de Raul, que leve para amparar o  
um Cyriano.... Machado.



Mister Cambio encaracou: contava com uma  
sarrabulhada no Cemiterio, para descer a  
escada da exploração e afinal transferido o ba-  
rucho, tere, coitado! de deixar-se ficar onde estiver!

despachado para consul da Bocca do Matto— onde não consta que ainda haja dentes para arrancar.

Durante a semana finda tem chovido sobre esta cidade—água.

Informa-nos o pessoal do Observatorio Astronomico que, se passar por dous terços a amnistia no senado, ver-se-ha chover sobre esta cidade—muito pão.

Damos esta noticia com todas as cautelas..... para os nossos corpinhos, principalmente.

Os reporters  
ESCENA & TONY

## DR. PRUDENTE DE MORAES

Hontem foi o anniversario natalicio do ilustre Presidente da Republica Brazileira, e o D. Quixote associa-se á imprensa ordeira e justa que rejubilou pelo dia glorioso do nascimento do grande cidadão, que com tanto criterio e abnegação dirige os destinos d'esta Patria, cujo liquidação os jacobinos anunciam.

Que muitos annos ainda realize tranquillo e feliz quem conta serviços á sua terra de tão assignaldo valor.

O D. Quixote saúda effusivamente o primeiro magistrado da Republica Brazileira.

## RABBIOLI

E' uma sopa? mentes tu, se não me enganam meus conhecimentos etimologicos é um estado d'alma. Da alma. Livra, Sancho, fóra o teu ventre insaciavel. Que me importam os caldeirões de Camacho? Eu magro, eu secco, eu sabio, eu ideal, vivo para a philosophia, para a sciencia.

Rabbioli, vem de *rabia*, raiva, e é d'isto que quero fallar.

Morreu Pasteur e o Congresso Nacional, a Camara, pelo Sr. Rosa e Silva e pelo Sr. Thomaz Delfino, apresentaram seus pezames ao Instituto de França. Calou-se o Sr. Ministro das Relações Exteriores. Fez bem.

A Camara dizia no seu telegramma que sentia a morte do sabio que curava a raiva; essa franqueza honra-a. Porque o doente nunca deve occultar nada ao medico, mormente quando este desaparece antes da cura.

A therapeutica moderna traz-nos n'um cortado com a sua nomenclatura; doenças ha cujo nome só chama um medico e medico vindo acode a b'atica e esta traz um rôr de dinheiro, e atraç d'isto vem *Empreza funeraria*, coveiro, missas e agradecimentos pela imprensa.

Como ia dizendo, a Camara caiu em si, chorou com a França a morte de Pasteur. Esteve no seu papel.

Quem te curará, ó Camara? quem te inoculará na tua parte immune o virus rabico? Tu que viste o tempo passar, presa de odio, pedindo os livres gauchos em churrascos, provando as orelhas de Gumersindo de vinha

d'alhos, retalhando Saldanha da Gama e afiando o *cuchillo* de João Francisco para tornal-o dosimetrico em Campo Ozorio; tu que nas horas da *Paz* achavas Galvão comparsa da *Gran-duqueza*; tu que suprimes a policia farfada, com saudade do *bom tempo* do secreta; tu que amas o nativismo insolito e que só vés a Republica atravez do ventre e que só vés o ventre atravez da politica?

Adeus, Pasteur!

E' tarde! Assim quizeste.

As relações exteriores promettem que a *Ilha da Trindade* será arrancada «das garras do leopardo britanico»; Amapá será liquidado, porque a questão é de rio, e todos os rios vão dar ao mar; a *Carta de alforria* será queimada e Visconti não cantará mais o *chegou, chegou*; a sciencia telepathica não sentirá mais nunca manifestações do espirito immaculado de José Maria; os brasileiros que vagueiam nas ruas das cidades platinas não terão amnistia... Continuarás espumando e estortegando. Pasteur não te salvará.

Fizeste bem chorando o morto illustre, que a sciencia nunca chorará bastante.

Oh! Camara, oh! Rosa e Silva, oh! Thomaz Delfino!, pezames á França! E parabens a vós oh! Thomaz Delfino! oh! Rosa e Silva! oh! Camara!

Como ia dizendo, o Rabbioli...

— E sopa?

Mentes tu, vem do latim...

FORTUNIO.

## OS MACHADOS

Mas que cohorte terrivel!  
Essa dos bravos Machados!  
São homenzinhos damnados,  
— Peito duro, atroz, horrivel!

Diz o Machado Irineu:  
« E' grey revoltosa? — mala! »

Machado Pinheiro: « Pois eu  
« Digo: *enforca!* E' maragata! »

Chega o Vicente Machado  
Trazendo á banda o chapéo,  
E sentenceia: « Chibata,  
« Suppicio kilometrado,  
« Fusil, espada, degolla,  
« E depois da morte — esfóla! »

Ai! que terriveis Machados!  
Ai! que homens desalmados!

GYP.

## RABISCOS

A bem dizer, esta secção destinada a emitir umas certas considerações humoristicas, deveria apezar d'isso começar por deixar aqui traçado o elogio de Pasteur e a impressão dolorosa que nos causou a noticia da morte do grande sabio bemfeitor da humanidade.

Mas, o que se poderia dizer do abalisado chimico e pesquisador infatigavel, já está dito e muito bem, pela nossa imprensa diaria,

grave e seria, à qual sómente faltou notar que o bravo descobridor da prophylaxia do *virus rabico*, morreu antes de tempo — isto é, sem haver dotado a humanidade de mais uma conquista benemerita: a descoberta do *virus jacobinico*, e do seu consequente methodo curativo.

Resignemos-nos á triste sorte e tenhamos fé em Deus — e tambem no Dr. Prudente de Moraes, que sem embargo de não ser homem de laboratorio chimico e apenas de laboratorio politico, já teve occasião de reconhecer no cemiterio de S. João Baptista toda a virulencia do jacobinismo, e foi logo obrigado a instituir como remedio umas injecções bolsodermicas de demissões, tão habeis quão acertadas.

O caso do cemiterio de S. João Baptista já é tratado n'este mesmo numero, em artigo da primeira columna, com a seriedade que o reprovavel facto requeria.

Por isso, nem vale a pena insistir em tal questão, que má cópia daria do caracter do brasileiro, se não fôra publico e notorio que aquella explosão inconveniente é resultante de odios implacaveis e de um estado de ser da alma, que anda a pedir a intervenção da sciencia psychiatrica do Dr. Teixeira Brandão, a cuja competencia devemos pedir a capitulação d'essa enfermidade dos centros sensorios e centros politicos, que lavra por ahi desassombradamente.

São casos que só podem ser bem estudados e resolvidos — no casarão da praia da Saudade.

Nos dominios da politica militante, e particularmente com relação á semana parlamentar, tivemos cousas do Arco da Velha.

O illustre deputado Medeiros de Albuquerque, que parece fazer praça de um caracter sanguinario e máo, que effectivamente não tem nem pôde ter, apresentou um projecto de amnistia ampla... para os alumnos da Escola Militar, castigados por indisciplina, e de amnistia mais que intoleravel... para os militares que delinquiram por motivos e ideaes politicos.

Queremos crer que tal projecto não passará de projecto.

No Senado a commissão respectiva entendeu que devia aconselhar áquella alta corporação a readopção por dous terços, da emenda da amnistia ampla rejeitada pela camara dos Srs Glycerios. O Sr. Quintino Bocayuva, membro da mesma commissão, assignou-se vencido.

Porque não convencido, illustre mestre?

Não seria tão bom que se mostrasse mais humanitario, cordato e justo?

Ainda no Senado, está em discussão o caso da duplicata de governos em Sergipe, onde impéra o Sr. coronel Valladão, com toda a força e prestigio que lhe dá... a força. E alli tambem será hoje discutido o projecto sobre amnistia aos revoltosos politicos, tão deshumanamente rejeitado pela Camara.

Segundo parece, o coronel Valladão está meio arriscado a não ser mais governo, apezar da força que lhe dá a força; e ao que parece, se o general Campos Salles não chega a tempo para

salvar uma situação, o projecto da amnistia conseguirá os dous terços e adeus viola...

.... D. Bernarda está preparando os seus ultimos enfeites e dando os ultimos retoques aos seus trajes domingueiros.

Emfim, veremos — como dizia o cégo.

Para finalisar, a pilheria estrondosa feita pelo *Jornal do Commercio*, em seu numero de ante-hontem, quinta-feira.

O *Jornal* é grave, sério, circumspecto, caixa-d'oculos, por natureza e temperamento; mas quando dá-lhe na veneta gracejar... é aquillo que sabemos.

Eis ahi a pilheria:

O venerando decano fallando de uma conferencia que em Roma teve o Papa com o arcebispo Esberard, observa que o santo chefe do catholicismo reconhece que aquelle arcebispo é o primaz do Brasil e assim termina:

« E mais um motivo para nos congratularmos e para dizermos cheios de entusiasmo:

REGULAMENTO PARA O SERVIÇO DE CAMPANHA.

No genero pilheria esta é de se lhe tirar o chapéo ao *Jornal*, ao Primaz e ao Papa.

LÉO.

## A CIGARRA

A nossa brillante vizinha jurou de fazer mal aos dicionarios portuguezes, demonstrando á evidencia que elles são parcos em adjetivos qualificativos laudatorios e encomiasticos.

O seu ultimo numero, o 22 por signal—esse numero da conhecida cantata—é prova do que deixámos dito: não se pôde senão, depois de vel-o, apertar as mãos de Julião Machado e Olavo Bilac, silenciosamente commovidos, commovidamente silenciosos. E que faltam os taes adjetivos.

Bello retrato de Patrocínio—não esqueçam que elle é candidato pelo 2º distrito—; uma pagina central extraordinaria, e oferecida ao mesmo Zé do Pato Candidato; um texto primoroso, brillantissimo.

Ou isto—ou nada.

## THEATROS

Francamente, com a mão no peito e os olhos fitos em Deus, juro que nada, absolutamente nada, houve durante a semana, que mereça ser notado n'esta columna, especialmente consagrada ao registro do desenvolvimento da arte dramatica entre nós.

O desenvolvimento — observem; e da arte dramatica, tenham bem presente!

Pois meus senhores, e senhoras — setambém tenho leitoras — nem arte, nem desenvolvimento: Isto já andou mal; agora está peior e se a causa continua... ninguem sabe mesmo onde irá parar.

Ha um ror de tempos que vivemos a clamar contra a pasmaezira reinante nos dominios

da arte de Talma; fallava-se de pouco escrúpulo dos emprezarios que só nos davam *tró-ló-ló*, e do nenhum senso do publico, que só ia ao theatro quando o *tró-ló-ló* era alli exhibido...

E eis ahi o que ganhámos: nem *tró-ló-ló* nem nada.

E' isso o que se vê por todas as casas de spectaculos.

Apezar de todas as lamurias dos criticos e dos que ainda se interessam por essas cousas de arte dramatica, é forçá confessar que ainda tinhamos uma vez ou outra um drama novo — ou, se não novo, pelo menos renovado — no palco do Recreio ou no do Variedades.

Dias Braga e Ismenia sacrificaram por vezes a caixa á arte, e puzeram em scena umas peças que se não eram primores, tambem não eram positivamente filiadas ao genero do gargeanteado e das pernas nuas; e que ganharam elles com isso?

A necessidade de emigrar e ir para os estados perguntar se effectivamente ainda ha n'esta terra o deseja de applaudir o esforço artistico, ou se toda essa lumuria da imprensa não passa de um *logar commun*... para inglez vér, — como um ou como dous.

Foi isso, unicamente isso, o que elles ganharam — se é que me permitem occultar alguns *cadaveres* que elles hajam arranjado em homenagem á sua tentativa tão generosa quão desgraçada.

Em definitiva o theatro na capital federal é o que por ahi se vê: uma justiça. Não é producto de má lingua nem resultado de um dia de mau humor: os nossos theatros estão como os deuses — *s'en vont*.

O Variedades, dirigido por uma actriz que deveria pela sua pratica de scena melhor orientação imprimir á sua casa, dá-nos umas velharias mal representadas, e ainda por cima, para aggravar o mal — annuncia a recitação da *Judia* do Thomaz Ribeiro, como se isso pudesse ser motivo para attrahir alguém a algum theatro.... em Congonhas de Sabará. E a consequencia é a actriz Emilia Adelaide ver abandonado o seu theatro — mesmo porque a *Judia* do Sr. Thomaz Ribeiro não é um caso *theatral* tão extraordinario que tenha a força de levar uma população inteira ao theatro Variedades.

Nem inteira — nem quebrada, que é o estado actual da nossa população.

O Lucinda não é theatro, agora. E' um museu de figuras ce cera, onde se encontra o retrato do general Glycerio, a meio corpo, mas perfeitamente acabado.

A' entrada, á esquerda.

O Apollo dá os spectaculos derradeiros do Frégoli, d'esse Frégoli, que fez, faz e fará as delicias dos que gostam d'aquilo. Mesmo porque ha muita gente de mau gosto.

O Sant'Anna lucta com a indifferença do publico, e embora se reconheça que alli se encontra uma aggrupação de elementos superiores, de artistas da plana primeira: Mattos, Machado, Brandão, Blanche Grau, Miola e outros.

Infelizmente! Querem dar volta ao publico: — o publico é que lhes volta as costas.

No S. Pedro o Frank Brown diz que está a despedir-se.

A mais tempo digo eu, e sem remorsos.

Tivemos no Lyrico (antigo Pedro 2º) o beneficio do Silva Pereira.

Fóra o monologo de Arthur Azevedo, muito gracioso em verdade, nada mais que interessasse, nem mesmo os outros monologos recitados pelo beneficiado.

A Sr. Pepa dos Dezoito fez um feio: não compareceu, sem embargo de ter permitido annunciar-se o seu nome no programma do spectaculo e ainda que, tendo perambulado á tarde pela rua do Ouvidor, entendesse ser de bom aviso mandar dizer á noite que estava enferma...

Não gostei.

Eu sympathiso com a Pepa dos Dezoito, mesmo porque nos tempos da minha mocidade só jogava o taco nos Dezoito Bilhares — e d'ahi a minha queda por esse numero 18, que é de minha especial predilecção.

E é por isso mesmo que a indelicadeza da Sra. Pepa, não comparecendo ao beneficio do Silva, ficou-me aqui assim atravessada na gar-ganta.

Que diabo! Custa tão pouco a uma pessoa ser gentil... E ainda menos custa a uma dama, interessante e bella como a Sra. Pepa dos Dezoito!

TONY.

## A NOSSA ESTANTE

Temos recebido, e agradecemos:

Uma cesta cheia de flores e caixas de phosphoros, —uma multidão de caixas—, e sobre tudo isto um lindo bouquet tendo duas fitas auri-verdes, em cujas extremidades dependuravam-se ainda... caixas de phosphoros.

E um bello *réclame* da Companhia Cruzeiro, que ao que parece pretende illuminar toda esta cidade gratuitamente.

O *livro de uma sogra*, ultimo trabalho do applaudido escriptor Aluizio Azevedo, de que mais detidamente occupar-nos-hemos.

Por agora nos limitamos a registrar a bella edição da casa Domingos de Magalhães, esse verdadeiro protector das letras patrias.

As cinco irmãs, quadrilha para piano, editada pela casa Viuva Machado & C.

Passa... não passa! polka de A. F. do Rego, impressa nas officinas da mesma casa. Dos desenhos do frontespicio deprehende-se que passa... não passa! refere-se á questão da amnistia.

Convite, para assistir à conferencia do Sr. Dr. Fausto Cardoso, domingo, no Cassino, sobre Aluizio Azevedo e seu ultimo livro, conferencia antecedida e seguida de trechos musicais pelos Srs. Alberto Nepomuceno e Lima Braga.

Convite para a solemidade da installação da Associação Beneficente do Brazil, no edificio do Lyceu de Artes e Ofícios.

Arquivo do Distrito Federal, (n. 10 correspondente ao presente mez de Outubro, importante publicação do ilustrado Sr. Dr. Mello Moraes Filho).

Um exemplar da photographia do catafalco ar-mado na igreja matriz da cidade de Santos a 29 de julho d'este anno, para as exequias do marechal Floriano Peixoto.

Ricordi dell' adolescenza, pequena polka de Zanella, oferecida á signorina Annita Jannuzzi; *On dit*, cançoneta de Francisco Quaranta, palavras de Adèle Mitterendorf, ambas as musicas publicadas por I. Bevilacqua & C.

Ilha da Trindade, valsa por Virginio Reis, editada pela casa Viuva Machado & C.



O Sr. F. Glycerio, ocultando-se atrás  
do reposteiro: - O diabo! Vou enrubescer  
de vergonha!

A Verdade, que é um desmacha-prazeres, apresenta  
ao Sr. F. Glycerio a carta que este escreveu ao Dr.  
F. Tavares, e observa que mais depressa se apanha  
um leader do que um côxo.



Eis ahi o candidato  
Pelo segundo districto:

O manifesto-ébonito,  
Elle é - o Zé do Pato.